

1 Era uma vez...

Este trabalho pretende vislumbrar, na obra de Ana Maria Machado, questões relacionadas à categoria de gênero. Para tanto, serão analisados quatro títulos da escritora, a saber: *Bento que bento é o frade* (1977), *Raul da ferrugem azul* (1979), *Bisa Bia, bisa Bel* (1982) e *O príncipe que bocejava* (2004).

O nome de Ana Maria Machado surgiu não somente pela projeção que a escritora tem na literatura brasileira, reconhecida por diversas premiações nacionais e internacionais. Destacam-se nesse cenário o maior prêmio literário do Brasil, o Machado de Assis (2001), dado pelo conjunto da obra pela Academia Brasileira de Letras - ABL e o Hans Christian Andersen (2000), considerado o Nobel da literatura infantil mundial, oferecido por International Board on Books for Young People. No cenário nacional, com certeza garantiu maior projeção à escritora a eleição para ocupar a cadeira de número 1 da ABL em 24 de abril de 2003.

Na verdade, o interesse pela obra da escritora data de reminiscências da infância, especificamente por causa de dois livros: *Raul da ferrugem azul* e *Bem do seu tamanho*. Em consonância com a tese defendida por este trabalho, tais leituras na infância influenciaram na formação de uma pessoa inquietada com muita coisa que alguns consideram “normal” ou “natural”.

Com a crença de que um indivíduo de qualquer idade, ao ler ou ouvir uma história, dialoga não só com quem escreve, mas com uma visão de mundo, destaca-se uma preocupação especial com o público infantil. Na sociedade brasileira, muitas pessoas (governantes, representantes de escolas, professores, pais e responsáveis) aceitam, de forma tácita, que a literatura dada às crianças deve ter caráter pedagógico. Nessa linha, perde-se o essencial: a literatura enquanto manifestação de arte.

Sob essas inquietações, resgata-se do grego o pleno sentido de ler como sendo *legei* – colher, recolher, juntar, que se transformou no latim em *lego*, *legis*, *legere* – juntar horizontalmente as coisas com o olhar. Sabe-se que os latinos também usavam *interpretare* para ler, mas com um significado mais profundo, o de ler verticalmente, sair de um plano para outro, de forma transcendente. Nesse sentido, a leitura ultrapassa o simples olhar, e vai além, aventurando-se no desconhecido em busca de uma melhor compreensão do mundo.

A base dessa relação está em que num texto há duas pontas importantes: escritor(a) e leitor(a). Se por um lado a escritura se configura como um veículo transmissor de informação, a leitura é um meio de aquisição do que se passa ao redor das pessoas daquela época. A leitura, que não se restringe à palavra escrita, é, portanto, um ato social.

Tratar-se-á, nesta dissertação, de um tipo de leitura textual mais especial que a busca de informações num jornal ou a apreensão de implícitos numa propaganda. O objeto de estudo para os próximos capítulos são textos plurissignificativos, é literatura, é arte. Dessa forma, não é objetivo deste trabalho discutir se cabe ou não o adjetivo “infantil” e toda a carga semântica que ele abarca para os textos literários selecionados.

A escolha das quatro obras analisadas advém da importância que elas têm na produção literária da escritora e da tentativa de observar as representações de masculino e feminino em momentos diferentes desse percurso. Essa necessária delimitação não será impedimento, no entanto, para referências a outros títulos da autora durante a análise.

A proposta inicial era de investigar apenas os perfis femininos construídos por Ana Maria Machado e, para isso, foi empreendido um levantamento de títulos em que figurassem, de maneira significativa, personagens femininas. Em meio a essas investigações, percebeu-se que, mesmo sem ser a temática principal, havia algumas manifestações de desconcerto das personagens masculinas frente a um novo perfil de mulher. Por conta disso, optou-se por dedicar uma parte do trabalho às representações do masculino.

A escolha da literatura lida por ou para crianças para análise das representações de gênero foi feita por acreditar ser o texto literário uma forma de comunicação privilegiada, sobretudo em uma cultura letrada, que permite ao leitor mirim estabelecer contato com o que se passa para ela. Essas histórias, na maioria das vezes protagonizadas por crianças, são produzidas por adultos que estão transmitindo, consciente ou inconscientemente, valores e padrões de comportamento que poderão ser assimilados pelos pequenos leitores, uma vez que estão em fase de construção de seu conhecimento de mundo.

A fim de delimitar o *corpus* de análise, uma vez que a escritora possui mais de 150 obras publicadas, foi feita, inicialmente, uma leitura de vários títulos de Ana Maria Machado, sendo desconsideradas obras de adaptação e tradução. A autora também tem um número significativo de livros em que todas as personagens são animais. Ainda que muitas vezes tenha sido possível identificar certa antromorfização de animais, optou-se por desconsiderar tais histórias.

Portanto, houve uma preocupação em eleger textos que ilustrassem melhor questões distintas de gênero. Sendo assim, o material selecionado traz sempre personagens humanas que interagem de alguma forma com as questões de gênero. Embora no total tenha sido feita a leitura de várias obras, certos textos não apresentavam, com tratamento mais aprofundado, potencialidade para a abordagem do assunto em foco.

A despeito de imprimir restrições à pesquisa, a escolha de dois recortes temáticos mostrou-se adequada para oferecer a esta reflexão questões que marcam as diferenças nas construções das personagens infantis femininas e masculinas. Sendo assim, estruturalmente esta dissertação se divide em três capítulos, além da introdução e da conclusão, e conta com um anexo.

O capítulo de abertura, intitulado “Dois passeios pelo bosque da teoria”, divide-se em duas seções. A primeira parte traz algumas considerações teóricas acerca das questões de

gênero que serão aprofundadas nos capítulos de análise subseqüentes. A segunda seção dedica-se à relação entre literatura e infância, com ênfase no que diz respeito à formação de um ser social. Foram selecionados para nortear tais discussões autores Manuel Castells e Guacira Lopes Louro, no que diz respeito à abordagem de gênero, além de Nelly Novaes Coelho, referência nacional em termos de literatura infantil.

“Brincando de tornar-se mulher” é o título do segundo capítulo que se atém ao papel que brincadeiras e jogos podem ter na construção (ou desconstrução) das questões de gênero, com foco no feminino. Optou-se por tal abordagem pelo caráter diferenciador em relação aos numerosos trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre as representações femininas nas obras de Ana Maria Machado. Além disso, a recorrência da temática ligada ao ato de brincar em vários títulos da escritora revela uma preocupação com o assunto.

Para empreender esse percurso, faz-se uma breve explanação inicial acerca da influência que brincadeiras, brinquedos e jogos podem ter na formação dos futuros atores sociais. Como aporte teórico básico, foram empregadas as seguintes obras: *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2002) de Walter Benjamin, *História social da criança e da família* (1978) de Philippe Ariès, *O brincar e a realidade* (1975) de Donald Woods Winnicott, *Uma vida para seu filho* (1988) de Bruno Bettelheim e *Brinquedo e cultura* (2004) de Gilles Brougère. Na seqüência, observa-se como as atividades lúdicas figuram nos dois títulos selecionados como representativos do feminino: *Bento que bento é o frade* (1977) e *Bisa Bia, bisa Bel* (1982).

O terceiro capítulo, “O desconcerto do masculino”, propõe-se a analisar representações masculinas, tomando como base de estudo *Raul da ferrugem azul* (1979) e *O príncipe que bocejava* (2004). O foco principal concentra-se na sistematização do desconcerto das personagens masculinas face aos posicionamentos não tradicionais que as personagens femininas manifestam. Seguindo a mesma estrutura do capítulo precedente, dedica-se uma

primeira parte a uma explanação acerca das masculinidades. Como fundamentação teórica para essa análise, figuram principalmente as ponderações de Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2005), Elisabeth Badinter em *XY: sobre a identidade masculina* (1993) e Sócrates Nolasco em *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais* (2001). À luz das considerações iniciais acerca das masculinidades, empreende-se o estudo nas duas obras literárias selecionadas para este capítulo.

Ao final, ainda consta um anexo com um levantamento de títulos, catalogados em função da representatividade das personagens femininas. Ainda que não se tenha abarcado toda a produção para crianças da escritora, essa sistematização pode favorecer outras pesquisas sobre o assunto.

No decorrer da dissertação, será possível perceber que a escrita de Ana Maria Machado não exclui o masculino, mas tira da marginalidade¹ o elemento feminino. Nesse sentido, essa produção literária reflete as mudanças da cena social pós-moderna em que se diluem os tão organizados e estabelecidos papéis gendrados de homens e mulheres.

¹ Entende-se por marginalidade o que está fora do centro, à margem, sem nenhuma conotação pejorativa.